

Grécia e Roma no universo de Augusto

Ana Maria César Pompeu
Francisco Edi de Oliveira Sousa
(Orgs.)

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

ANNABLUME

A RECEPÇÃO DA FILOSOFIA GREGA EM ROMA (The Reception of Greek Philosophy in Rome)

JOSÉ CARLOS SILVA DE ALMEIDA⁷ (jcdafilosofia@hotmail.com)
Universidade Federal do Ceará

RESUMO – Considerando inicialmente a embaixada dos filósofos atenienses em 155 a.C. como data de ingresso da filosofia grega no mundo latino, o presente artigo apresenta sumariamente algumas reflexões acerca da aproximação e do afastamento da elite política romana em relação à filosofia grega, de modo particular ao estoicismo e epicurismo.

PALAVRAS-CHAVE – Roma, filosofia grega, recepção, estoicismo, epicurismo.

ABSTRACT – Taking the Embassy of Athenian philosophers in 155 BC as the date of admission of Greek philosophy in the Latin world, this article presents some thoughts about the attraction and the repulsion felt by the Roman political elite in relation to Greek philosophy, in particular Stoicism and Epicureanism.

KEYWORDS – Rome, Greek philosophy, reception, Stoicism, Epicureanism.

*Graecia capta ferum uictorem cepit et artes
intulit agresti Latio.*⁸

Em 202 a.C., vencida Cartago, Roma se torna a potência hegemônica do Mediterrâneo Ocidental. Não há mais rivais. Os vários reinos helenísticos do Mediterrâneo Oriental observam a República Romana com respeito e temor; invejam-lhe as riquezas, o dinamismo comercial e as armas; querem-na como aliada; chamam-na para arbitrar controvérsias; bajulam-na. Em particular, consideram-na bárbara e pouco evoluída. Assim, desde os primeiros anos do II século a.C., Roma se encontra cada vez mais envolvida com os assuntos gregos e orientais. Aproveitando-se da fraqueza e das contínuas desavenças entre os estados gregos, os romanos acabam por anexar reinos e cidades através de uma hábil série de alianças. Em 50 anos, todo o Oriente Mediterrâneo cai em mãos romanas. A relação entre Roma e os povos e culturas do Oriente Grego torna-se inevitável, relação marcada pela grandeza e riqueza do encontro do que é diverso,

⁷ Professor José Carlos de Almeida is Philosophy Professor at Federal University of Ceará (UFC). He holds a Master's degree in Philosophy from the Pontifical Catholic University of Rio de Janeiro (PUC/RJ) and a Doctoral degree in Philosophy from the Pontifical University Antonianum (PUA) in Rome. Practice areas: ethics and the history of ancient philosophy, with particular interest in the philosophies of the Hellenistic-Roman period. Member of the PRO-CAD/Capes in ancient philosophy UFMG/UFC/UFU.

⁸ Horácio, *Ep.* 2. 1. 156-157.

mas também assinalada por conflitos. Nesse cenário, a filosofia não ficará alheia a tudo o que ocorre.

O INGRESSO DA FILOSOFIA GREGA EM ROMA

Em um dos primeiros testemunhos literários em língua latina, ao final do IV século a.C., a saber, as sentenças do patrício Ápio Cláudio Cego (340-273 a.C.), a quem se deve a construção do primeiro aqueduto a abastecer Roma e da primeira grande estrada romana, a Via Ápia, já encontramos traços do pensamento filosófico grego⁹. Todavia, sob a forma de sistemas teóricos, a filosofia ingressou em Roma somente muito mais tarde.

A tradição historiográfica costuma considerar que o ano de 155 a.C. é a data de entrada da filosofia grega no mundo latino. Naquele ano uma embaixada de filósofos gregos se dirigiu a Roma para discutir o mérito de uma contenda jurídico-administrativa. Tratava-se do pedido de remissão do pagamento de uma multa de quinhentos talentos cominada aos atenienses após a destruição, por eles levada a cabo, da cidade de Oropo, na Ática Oriental. Naquela ocasião três escolarcas atenienses, a saber, o acadêmico Carnéades, o estoico Diógenes e o peripatético Critolau foram enviados a Roma. A embaixada dos chefes de escola da Grécia é assim mencionada em duas passagens de *Noites Áticas*, de Aulo Gélío:

A mesma tripartida variedade foi notada em três filósofos que os atenienses enviaram como legação a Roma, ao senado, para obter que este suspendesse a multa infligida por causa da devastação de Oropo. Em talento, essa multa fora de mais ou menos quinhentos. Eram esses filósofos Carnéades da Academia, Diógenes o estoico, Critolau, o peripatético. E, em verdade, introduzidos no senado, eles se serviram, como intérprete, do senador Caio Acílio;¹⁰ mas antes, em grande reunião de homens, eles próprios dissertaram, cada um separadamente, por motivo de sustentar a facúndia. Rutílio¹¹ e Políbio¹² dizem ter sido motivo de admiração a facúndia dos três filósofos, cada qual de um gênero seu próprio: “Carnéades falava com facúndia violenta, dizem, e arrebatada, Critolau com esperta e arredondada, Diógenes com modesta e sóbria.” (6. 14. 8-10)

⁹ Em sentenças como “Manter a alma equilibrada para que não possam surgir o engano, a maldade, a violência”; “Quando vês um amigo, te esqueces do sofrimento” e “Cada um é fabricante de sua própria sorte”.

¹⁰ O senador Caio Acílio escreveu em grego a história da Itália desde as suas origens até a sua época. Cf. Dionísio de Halicarnaso, *Historia Antigua de Roma* 3. 67. 5.

¹¹ Públio Rutílio Rufo, cônsul em 105 a.C., jurisconsulto, orador estoico citado por Cícero em *Brutus* 22. 85.

¹² Cf. Políbio, *História* 33. 2.

E nos mesmos tempos o estoico Diógenes e o acadêmico Carnéades e o peripatético Critolau pelos atenienses foram enviados como embaixadores por motivo de assunto público ao senado do povo romano. (17. 21. 48)

Os três filósofos em missão política obtiveram sucesso: a multa foi reduzida de 500 para 100 talentos. Os atenienses sabiam evidentemente como impressionar, como chamar a atenção dos romanos: dando mostra de cultura.

Por que três filósofos? Seguramente eram personagens ilustres que o ambiente cultural romano já conhecia. Todavia aqueles três pensadores gregos nunca tinham se ocupado com a política. Por que então propriamente eles? Certamente a filosofia não era desconhecida de todo entre os romanos naquele momento e era uma tendência, sobretudo entre os jovens descendentes das famílias aristocráticas, junto às quais era oportuno ganhar espaço.

Quinto Lutácio Cátulo, invocado por Cícero no diálogo *De oratore* (2. 155), assegura ter presenciado a alegria de Lélío e Cipião com tal acontecimento:

Ouvi dizer diversas vezes deles mesmos, que os atenienses tinham proporcionado um grande prazer a eles e a muitos dos principais cidadãos de Roma, ao enviarem como embaixadores junto ao Senado, para discutir argumentos importantíssimos, os três maiores filósofos daquele tempo, Carnéades, Critolau e Diógenes.

No decorrer do II século a.C., a necessidade de uma educação filosófica cresceu. Os nobres romanos trouxeram professores particulares gregos para Roma. Foi deste modo que o estoico Panécio de Rodes chegou ao ambiente de Cipião Emiliano Africano o Jovem (185-129 a.C.), o conquistador de Cartago, antes de se estabelecer em Atenas em 129 a.C. como escolarca da Stoa. No século seguinte, o ensinamento da filosofia grega já fazia parte de toda educação que pretendesse encontrar-se em um patamar elevado. Os jovens pertencentes à elite romana viajavam também em direção a Atenas ou a outros centros culturais gregos, como era o caso, por exemplo, de Rodes, onde se encontrava Possidônio, para ouvir as lições dos escolarcas ou de outros sábios. Tratava-se de uma espécie de viagem de formação. Observamos, por exemplo, Cícero junto com o amigo Ático em Atenas, no período de 79 a 77 a.C., escutando as lições de Fedro e de Zenão de Sídon, debatendo sobre o epicurismo e confrontando-se nos temas abordados nos encontros (Cícero, *De finibus bonorum et malorum* 1. 16):

A menos que Fedro e Zenão, a cujas lições eu assisti, me tenham enganado, embora apenas me tivessem persuadido da sua fidelidade (ao mestre), penso conhecer bastante bem todas as teses de Epicuro. Tive o ensejo de ouvir muitas vezes estes dois mestres, em companhia do meu amigo Ático. Este tinha admiração por ambos, e era amigo íntimo de Fedro: diariamente trocávamos impressões sobre a matéria de cada lição, e nunca houve qualquer divergência sobre eu não ter percebido bem algum ponto, mas apenas sobre o que eu não aprovava.

É possível também perceber, na abertura do quinto livro do *De finibus* (1-2) o entusiasmo e a saudade de Cícero quando se recorda de diversos locais de Atenas e dos estudos ali desenvolvidos:

Meu caro Bruto: um dia destes, tinha acabado de ouvir uma palestra de Antíoco, como era habitual, no ginásio dito de Ptolomeu, em companhia de M. Pisão. Estavam também conosco o meu irmão Quinto, T. Pompônio e L. Cícero, meu primo direto pelo parentesco, mas irmão pelo afeto. Decidimos em conjunto ir dar o nosso passeio da tarde na Academia, sobretudo porque é um local que, a essa hora, está praticamente vazio. À hora combinada encontrámo-nos todos em casa de Pisão. Conversando sobre vários tópicos, fizemos os seis estádios que vão da Porta Dupla até à Academia. Chegados a este local tão justamente célebre, pudemos desfrutar do sossego que procurávamos. “Não sei se lhe devo chamar um fenômeno natural” –, observou Pisão –, “ou se não passa de imaginação, mas o fato é que ao contemplarmos os lugares em que viveram e trabalharam tantos homens merecidamente famosos nos sentimos mais emocionados do que quando ouvimos falar das suas obras ou lemos alguns de seus escritos! É uma emoção dessas que sinto neste momento. Vem-me à lembrança a imagem de Platão, que consta ter sido o primeiro a vir realizar aqui os seus debates filosóficos: estes pequenos jardins daqui vizinhos não se limitam a trazer-me à memória a personagem, parecem mesmo pô-la aqui diante dos meus olhos. Aqui estiveram também Espeusipo, Xenócrates, e o discípulo deste, Pólemon, cuja cadeira era aquela que ali vemos. Quando em Roma visitava a nossa Cúria (quero dizer, a Cúria Hostília, não a atual, que até me parece menor desde que lhe aumentaram o tamanho), costumavam vir-me à ideia as figuras de Cipião, de Catão, de Lélcio, e sobretudo do meu avô, tal é o poder de evocação que têm estes lugares, que, muito justamente, levava à descoberta das técnicas de memorização.”.

Além da embaixada dos filósofos em 155 a.C., houve outro acontecimento que favoreceu o ingresso da filosofia em Roma. Trata-se da primeira guerra conduzida por Mitrídates para a conquista da Anatólia e da Grécia (89-84 a.C.). Naquela ocasião a intervenção do comandante romano Sula e de seu exército, cercando Atenas e conquistando-a, não apenas jogou por terra os planos do inimigo, mas produziu uma série de consequências colaterais: a mais significativa foi a perda do papel e da centralidade filosófica por parte de Atenas. A Academia e o Liceu foram saqueados, e grande parte dos filósofos emigrou para Alexandria, concentrando suas atividades na famosa e espetacular biblioteca no novo centro da cultura filosófica. Houve também filósofos que se dirigiram para a Itália, como fora o caso de Filodemo, que chegou a Herculano, na circunvizinhança vesuviana, com toda a sua coleção pessoal de escritos epicureus.

Não foram apenas os filósofos gregos que se dirigiram para Alexandria e para Roma, muitas de suas obras também foram levadas para estas cidades.

Esse fato beneficiou diretamente muitos romanos, como Lúcio Licínio Lúculo, comandante na segunda e terceira guerras mitridáticas,¹³ amigo de Cícero, que levou do Ponto para Roma uma grande quantidade de obras como espólio de guerra por ocasião da conclusão do conflito em 65.

Lúcio Licínio Lúculo é o interlocutor que Cícero introduziu nos seus *Academica*, um grupo de diálogos filosóficos e histórico-filosóficos chegados parcialmente até nós, mas essenciais para a reconstrução da filosofia helenística e romana do II e I séculos a.C. Ele, a exemplo do Círculo dos Cipiões, demonstrou abertura e hospitalidade à filosofia conforme nos relata Plutarco em *Vida de Lúculo* (42. 1-4):

Se, nisto, Lúculo desperdiçava desordenada e reprovavelmente a sua riqueza, tornando-se um verdadeiro escravo da ostentação, muito honesta e louvável era a despesa que fazia com a aquisição e encadernação de livros, que conseguiu reunir em grande quantidade, e dos melhores escritos, para fim muito elevado e digno dos maiores elogios. Suas bibliotecas estavam sempre abertas a todos os visitantes, sendo permitida a entrada aos gregos, sem exceção, nas galerias, pórticos e outros lugares disputados, onde os homens doutos e estudiosos geralmente se encontravam e passavam o dia a discorrer, como na casa das musas, felizes de poderem se desvencilhar dos seus afazeres para ir para ali. Ele mesmo frequentemente se misturava com os visitantes nas galerias, sentindo prazer em comunicar-se com eles, e em ajudar aos que tinham ocupações, em tudo quanto lhe pedissem. Sua casa tornou-se logo o retiro e amparo de quantos iam da Grécia a Roma.

Ele apreciava todas as espécies de filosofia e não desprezava nenhuma seita. Desde o início, porém, apreciou e dispensou mais consideração à seita acadêmica, não à nova, embora estivesse muito em voga, devido às obras de Carnéades, que Filo valorizava, e sim à antiga, que tinha por defensor Antíoco, filósofo natural da cidade de Ascalão, eloquente e de palavra fácil, que Lúculo procurou conquistar e mantê-lo em sua casa, como amigo íntimo. Isto para contrapor-lo aos ouvintes e aderentes de Filo, entre os quais se achava Cícero, que escreveu um belíssimo livro contra a seita dos velhos acadêmicos, no qual figura Lúculo

¹³ Depois de conquistar a Anatólia ocidental em 88 a.C., Mitridates ordenou a execução de todos os habitantes romanos da área. O massacre de 100.000 homens, mulheres e crianças romanas foi a causa imediata do confronto com Roma. Durante a Primeira Guerra Mitridática (88 a 84 a.C.), Lúcio Cornélio Sula expulsou Mitridates da Grécia, mas viu-se forçado a retornar à Itália para enfrentar a ameaça de Caio Mário. A derrota de Mitridates não fora, portanto, definitiva; aproveitou a paz celebrada entre Roma e o Ponto para recuperar as suas forças e, quando Roma tentou anexar a Bitínia, atacou com um exército ainda maior, no que viria a ser a Segunda Guerra Mitridática (83 a 81 a.C.). Em sucessão, Roma enviou Lúculo, Aurélio Cota e Pompeu para enfrentá-lo. Este último o derrotou afinal na Terceira Guerra Mitridática (75 a 65 a.C.).

sustentando-lhes a opinião de que todo homem sabe e compreende alguma coisa, que denomina *katalepsis*.¹⁴

O aceno à discussão entre os defensores da Nova Academia e aqueles da Antiga (realmente ocorrido nos anos 80 a.C.) no passo citado da *Vida de Lúculo* nos atesta que a Roma republicana tinha se tornado um palco interessante para o debate entre os porta-vozes das diferentes escolas filosóficas. O próprio Cícero se empenhou em traduzir tal confronto de ideias nas suas obras filosóficas, a começar precisamente pelos *Academica* em 46-45, prosseguindo com o *De finibus* em 45 e com o *De natura deorum* em 44.

Cícero nos descreve no *De finibus* sua ida, no ano 52 a.C., à nova biblioteca em Túsculo, pertencente então ao jovem Lúculo¹⁵. Chegando então à biblioteca, Cícero encontra por acaso Catão de Útica, que está ali lendo justamente uma série de livros de filósofos estoicos. Por sua vez, Cícero explica-lhe que foi até aquele lugar para procurar e consultar alguns textos que evidentemente não possuía:

Estava passando uns dias em Túsculo, quando tive necessidade de consultar alguns livros na biblioteca do jovem Lúculo; como é meu costume fui à sua vila para tirar pessoalmente das estantes essas obras. Quando lá cheguei deparei com Catão, cuja presença na vila ignorava, sentado na biblioteca, rodeado de livros dos Estoicos. Como sabes, ele tinha um apetite pela leitura absolutamente insaciável, indiferente a toda censura inútil da multidão, a ponto de costumar ler na Cúria enquanto o Senado se reunia, mas sem nunca interferir nos seus deveres para com a república. Tanto mais agora, que estava em completo ócio e rodeado de livros em abundância, parecia “devorá-los”, se é que posso usar esta palavra para tão nobre ocupação. (*De finibus* 3. 7)

“Ora diz-me cá”, continuou Catão, “que livros vens procurar aqui, quando tens tanta quantidade deles em tua casa?”

“Vim procurar alguns dos ensaios de Aristóteles que sabia existirem aqui”, respondi; “pretendo levá-los comigo para os ler quando estiver desocupado, o que, como sabes, não me sucede frequentemente”. (*De finibus* 3. 10)

Todavia, os Gregos e tudo aquilo que fosse “grego” não eram bem-vindos em Roma sem reservas. Na literatura latina, é possível identificar também uma certa aversão aos “*graeculi*”, os intelectuais gregos, que vagavam pela cidade de Roma, com barba e *pallium*, o manto dos filósofos, anunciando ambiciosas doutrinas de filosofia moral sem, contudo, conduzirem uma vida coerente com tais ensinamentos e sem se esforçarem por conferir-lhes relevância para a vida concreta, por

¹⁴ Disponível em <http://www.consciencia.org/luculo-republica-romana-plutarco>. Acesso em 04/02/2015.

¹⁵ Trata-se de Marco Licínio Lúculo, filho de Lúcio Licínio Lúculo.

serem filósofos *ex cathedra*. Sêneca (*Sobre a brevidade da vida* 10. 1) os critica ao exaltar o exemplo de Papírio Fabiano:

Fabiano costumava dizer, não como um catedrático, mas como um verdadeiro e antigo filósofo: “Não é com sutileza, nem com pequenos golpes, que se devem combater as paixões, mas sacando a espada no momento do choque”, não aprovava sofismas: “pois se devem vencer as paixões, não espicaçá-las”.

A imagem negativa dos filósofos e dos oradores encontra expressão nos repetidos banimentos¹⁶ de Roma e da Itália a que foram submetidos, seja na fase republicana, seja durante o período imperial, como nos mostra Aulo Gélio em um passo de *Noites Áticas* (15. 11. 1.3-5):

Durante o consulado de Caio Fânio Estrabão e Marco Valério Messala, publicou-se um decreto do senado sobre os filósofos e sobre os retores: “O pretor Marco Pompônio consultou o senado. Porque palavras se produziram sobre os filósofos e sobre os retores, desse fato assim consideraram que o pretor Marco Pompônio advertisse e cuidasse que em Roma, como lhe parecesse conforme sua fidelidade e conforme a república, eles não ficassem”.

[...]

Nem só naqueles tempos demasiados rudes, ainda não polidos pela grega disciplina, os filósofos foram expulsos da cidade de Roma, mas ainda durante o governo de Domiciano foram ejetados por decreto do senado e interditos em Roma e na Itália. Por esse tempo o filósofo Epiteto também, por causa desse decreto, retirou-se de Roma para Nicópole.

Também a já mencionada delegação de filósofos enviada a Roma em 155 a.C. e de modo especial os discursos do escolarca Carnéades¹⁷ diante do povo romano a favor e contra a justiça devem ter suscitado o medo do ceticismo em alguns romanos: Catão o Velho logo apresentou e fez aprovar a redução da multa aplicada aos atenienses no senado romano a fim de se ver livre dos seus representantes o mais rápido possível. De qualquer modo, este célebre acontecimento ilustra bem a discrepância entre o interesse pela filosofia grega como patrimônio cultural que a elite romana admirava e o temor quanto ao potencial subversivo que vinha se difundindo junto com os conteúdos doutrinários, que poderiam representar uma ameaça aos valores da *res publica*.

¹⁶ Em 161 a.C. o Senado já havia proibido severamente o ensino público dos oradores e filósofos gregos. Em 154 Alceu e Filiscos, dois epicuristas gregos, foram expulsos de Roma acusados de corromper a juventude romana. Em 92 Crasso fechou uma escola de retórica em latim. Esses são apenas alguns exemplos do comportamento hostil contra filósofos e oradores.

¹⁷ Carnéades insinuava, com um discurso brilhante e irrefutável, a falsidade da justificação do domínio de Roma e chegava mesmo a colocar em questão a ordem jurídica da *civitas* baseada na existência do princípio natural absoluto.

A ELITE POLÍTICA ROMANA E A FILOSOFIA

Os membros da elite política romana incorporaram a práxis dos soberanos helenísticos de terem consigo, de forma exclusiva, a presença de mestres ou “filósofos de família”, os quais poderiam assumir a função de pessoas de confiança e pais espirituais para os diversos familiares e, eventualmente, encarregarem-se também da educação dos filhos, além de atestar o esforço do chefe de família para obter uma formação filosófica e aprofundar a cultura grega. Na literatura, Catão o Jovem aparece frequentemente representado na companhia de filósofos gregos, tanto dos estoicos Atenodoro Cordilião e Apolônides quanto do peripatético Demétrio. Cícero acolhia em sua casa em Roma o estoico Diodoto; o sogro de Júlio César, Lúcio Calpúrnio Pisão Cesonino, hospedava em Herculano o epicureu Filodemo; Otaviano Augusto recebeu os estoicos Atenodoro de Tarso e Ário Dídimo na qualidade de mestres particulares e também de conselheiros políticos.

Foi, em particular, a doutrina estoica que encontrou, além do ensinamento, seguidores importantes, pois a ética que tal doutrina professava respondia bem às convenções romanas, sobretudo na forma tardia que o estoicismo assumiu graças a Panécio de Rodas: como ética da racionalidade e do cumprimento do dever, que requer a quem se dedica seriamente à filosofia uma participação na comunidade; legítima filosoficamente as instituições estatais da república; aprova a religião de estado e dá uma explicação racional da ação dos deuses e igualmente da adivinhação. Com os princípios estoicos, podem ser relacionados, no período republicano, as figuras de Cipião Africano Menor, Catão o Jovem e Marco Júnio Bruto, este último partícipe do assassinato de Caio Júlio Cesar.

Ao contrário, muito da doutrina epicureia contradizia as concepções da classe dirigente romana: as ideias de que os deuses estivessem distantes dos homens, de que não pretendessem nem orações nem ofertas, de que a vontade deles não se deixava captar mediante práticas de adivinhação e de que a participação na vida pública fosse coisa de néscios, dificilmente poderiam se conciliar com experiências caracterizadas pela religião de estado e com as ambições orientadas pelo *cursus honorum* de um senador romano. Entretanto, a escola tinha expoentes de destaque. Exemplo disso é o escolarca Fedro, que teve Cícero entre os ouvintes de suas lições.

Filodemo de Gádara se esforçou em adaptar a filosofia epicureia às exigências da vida de um nobre romano e tornou-se, por assim dizer, o “Panécio” dos epicureus. Os seus escritos nos foram em grande parte transmitidos por meio dos papiros encontrados no século XVIII em Herculano, na Vila de Lúcio Calpúrnio Pisão, a denominada “Vila dos Papiros”. Cícero sublinha, na sua oração *Contra Pisão* (68-72), de 55 a.C., a relação entre Filodemo e Pisão, que por isso é acusado de hedonismo. Ao centro dos escritos de Filodemo, redigidos em língua grega, não está a teoria epicureia do prazer, mas sim discussões ao redor de temas

relacionados à filosofia de estado. Assim, no escrito *O bom rei segundo Homero*, os temas de retórica, música, poética, gramática, ou seja, temas que até então na escola epicureia encontravam-se à margem, ganham destaque porque faziam parte do *curriculum* formativo romano.

No I século a.C., houve uma série de senadores politicamente ativos que se reconheciam na filosofia de Epicuro: o principal foi Pisão, mas podemos recordar também Caio Cássio Longino, um dos assassinos de Júlio César. Marco Pompônio Ático, amigo de Cícero e editor, considerava-se um bom epicureu, distante das atividades políticas, mas não daquelas culturais: ele se empenhou, juntamente com Cícero, e a pedido do escolarca Patrão, em salvar a casa de Epicuro em Atenas da destruição pela mão de Caio Mêmio, o destinatário do poema didascálico *De rerum natura*, de Lucrécio¹⁸.

Os textos de Cícero e aqueles dos poetas augustanos nos dão a impressão de que, por volta da metade do século I a.C., na Campânia, formaram-se círculos filosóficos que se organizaram ao redor de mestres epicureus. Assim foi para Filodemo na Vila de Pisão em Herculano e para Sirão em Nápoles, junto ao qual viveu, por algum tempo, o próprio Virgílio¹⁹. Os poetas Lúcio Varo Rufo e P. Tuca, editores da *Eneida*, são, na companhia de Virgílio, destinatários de três escritos de Filodemo encontrados em papiros de Herculano²⁰. Horácio parece, por sua vez, ter tido contato com este círculo²¹; ele mesmo se define em uma de suas *Epístolas* como *Epicuri de grege porcum* (1. 4. 16, “um porco do rebanho de Epicuro”), a saber, um homem voluptuoso, um glutão.

As doutrinas estoica e epicureia encontraram sucesso entre as classes romanas mais elevadas quando a ligação com a tradição religiosa se debilitou, de modo que as respostas às indagações acerca de como viver e a finalidade da existência vinham cada vez mais sendo procuradas na filosofia, entendida não como um exercício teórico simplesmente, mas como uma arte de viver (*ars vivendi*). Voltar-se para a filosofia devia às vezes assumir o caráter de uma conversão, de uma mudança de vida²².

O entusiasmo pela filosofia transparece também nos retratos daqueles sábios que foram objetos de admiração e que podem ser vistos ainda hoje na “Sala dos Filósofos” nos Museus Capitolinos²³ em Roma, assim como no “Mosaico dos Filósofos”, que se encontra no Museu Arqueológico Nacional de Nápoles²⁴.

¹⁸ Cf. Cícero, *Epístolas a Ático* 5. 11. 6; *Epístolas aos familiares* 13. 1.

¹⁹ Cf. *Appendix Vergiliana, Catalepton* 5.

²⁰ Cf. *PHerc.* 1082 col. 11, *PHerc.* 253 frg. 12, *PHerc.* Paris 2.

²¹ Cf. Horácio, *Sátiras* 1. 5. 39-42.

²² Cf. Tácito, *Agricola* 4. 3.

²³ Vide o sítio http://www.museicapitolini.org/collezioni/percorsi_per_sale/palazzo_nuovo/sala_dei_filosofi

²⁴ Vide o sítio http://cir.campania.beniculturali.it/museoarcheologicoconazionale/itinerari-tematici/nel-museo/collezioni-pompeiane/RIT_RA39/?searchterm=filosofi

A FILOSOFIA E A POLÍTICA ROMANA

Cícero lamenta-se frequentemente nos proêmios de suas obras filosóficas da situação política de seu tempo, da sua exclusão desejada pelos mandatários do poder e atribui um efeito consolatório ao seu contato com a filosofia²⁵. Ele nos apresenta, em seus diálogos, personagens de relevo da Roma antiga, de regra seus contemporâneos, que discutem doutrinas filosóficas, mas que comunicam, de modo implícito, mensagens políticas. Também a firmeza e a teimosia de Catão na defesa da antiga *res publica* contra as tendências monocráticas de César e o seu suicídio em Útica nos colocam diante de uma atitude estoica.

Na Roma imperial, o sentido da filosofia estava associado à sua função e ao modo com o qual ela era percebida pela corte imperial e entre os senadores: conforme o favor ou a aversão do *princeps*, da sua família ou de altos funcionários da corte, ela desenvolvia o costumeiro papel de formação ou, ao contrário, aquele de uma ideologia da resistência. Augusto tinha junto de si, como pessoas de confiança, os estoicos Ário Dídimo e Atenodoro, e deles se serve também na sua política oriental. Por sua vez, Tibério, sucessor de Augusto, terá ao seu lado o estoico Nestor. Para um expoente da escola estoica era relativamente fácil colocar-se de acordo com a forma de governo representada pelo principado. Considerando a representação platônica de um rei-filósofo, o predomínio de um monarca de moralidade íntegra correspondia à forma ideal de governo como resulta claro a partir de escritos do gênero “Sobre a realeza”, ou também do tratado *De clementia*, de Sêneca. É certo que o Cordobês não fora chamado por Agripina para conferir uma formação filosófica a Nero, o futuro príncipe, mas sim uma educação literária. No entanto, foi mediante a filosofia que ele encontrou o caminho para fomentar em Nero a virtude da clemência e afastá-lo do vício da ira. Se Nero aprendeu a lição, essa é outra história. Mas é possível que, com seus escritos filosóficos, Sêneca tenha conseguido fazer com que a discussão sobre a posição do indivíduo em uma monarquia absoluta fosse conduzida nos círculos senatoriais cada vez mais com base na ética estoica, seja para o fomento da educação do *princeps*, seja para opor-lhe uma resistência ideológica.

²⁵ Cf. *De natura deorum* 1. 9-10; *Tusculanae* 3. 6 e 5. 121.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Aulo Gélío (2010), *Noites Áticas*. Tradução de José Rodrigues Seabra Filho. Londrina.
- Cícero (2013), *Brutus e a Perfeição Oratória*. Tradução e notas de José Rodrigues Seabra Filho. Belo Horizonte.
- _____ (2012), *Textos Filosóficos: As últimas fronteiras do bem e do sumo mal (De finibus bonorum et malorum)*. Tradução do latim, introdução e notas de J. A. Segurado e Campos. Lisboa.
- Cicerone (1998), *Epistole ad Attico*. Volume primo (Libri I-VIII). A cura di Carlo di Spigno. Torino.
- _____ (1975), *Le Orazioni*. Volume terzo (dal 57-52 a.C.). A cura di Giovanni Bellardi. Torino.
- _____ (1955), *Opere Politiche e Filosofiche (I termini estremi del bene e del male, Discussioni tuscolane, La natura degli dèi)*. Volume due. A cura di Nino Marinone. Torino.
- _____ (1970), *Opere Retoriche: De Oratore, Brutus, Orator*. Volume primo. A cura di Giuseppe Norcio. Torino.
- Dionisio de Halicarnaso (2005), *Historia Antigua de Roma (Libros I-III)*. Traducción y notas de Elvira Jiménez y Ester Sánchez. Madrid.
- Horace (1942), *Satires, Epistles and Ars Poetica*. Translation from Latin to English by H. Rushton Fairclough. London.
- Plutarco, *Vida de Lúculo*. Disponível em <http://www.consciencia.org/luculo-republica-romana-plutarco>. Acesso em 04/02/2015.
- Políbios (1996), *História*. Seleção, tradução, introdução e notas de Mário da Gama Kury. Brasília.
- Sêneca (2009), *Sobre a brevidade da vida*. Tradução do latim de Lúcia Sá Rebello, Ellen Itanajara Neves Vranas e Gabriel Nocchi Macedo. Porto Alegre.
- Tacito (1968), *Opere: Annali, Storie, Germania, Agricola, Dialogo degli Oratori*. Traduzione di Camillo Giussani, commento di Albino Garzetti e introduzione di Alain Michel. Torino.
- Virgil (1942), *Aeneid 7-12 / Appendix Vergiliana*. Translation from Latin to English by H. Rushton Fairclough. London.